

## ***Futuro e emergências: perspectivas para uma sociologia do amanhã no Brasil de hoje***

Cybele C. Santos do Couto Soares<sup>1</sup>

**Resumo:** O trabalho proposto pretende refletir sobre como tem se dado o debate acerca do papel das ciências sociais no mundo contemporâneo, buscando compreender o que pretendem os autores (ADAM, SHULZ) ao desenvolver o conceito de uma sociologia do futuro, ou ainda das emergências (SOUSA SANTOS). Neste sentido, orientando a pesquisa para literatura recentemente desenvolvida sobre a temática, buscaremos encontrar caminhos que apontem para a recepção e a aplicação dessa nova forma de conceber a sociologia no Brasil. Para tanto, deveremos observar – nos valendo de uma amostra quantitativa de publicações em periódicos – como se desenvolve a preocupação com a formulação de uma nova metodologia para a disciplina e a que passo estão as discussões que vêm sendo travadas nestes espaços de produção de conhecimentos científicos no campo das ciências sociais brasileiras.

**Palavras-chave:** mudança social; sociologia das emergências; sociologia do futuro; teoria social.

**Abstract:** This paper proposes a reflection on how the debate about the role of social sciences has been happening in the modern world and also to understand what the authors (ADAM, SHULZ) intentions are while developing the concept of sociology of the future and sociology of emergences (SOUSA SANTOS). While guiding this research to current literature about the theme, we will try to find ways that help us understand the reception and application of this new form of sociology in Brazil. Therefore, we will observe - gathering samples from periodic publications - how a new methodology that addresses these new topics is created, and the current state of the discussions about the scientific and academic production about these themes in the field of social sciences in Brazil.

**Keywords:** social change; sociology of emergences; sociology of the future; social theory.

### **Introdução**

A preocupação com o futuro, de uma maneira geral, tem se mostrado, desde os tempos mais remotos, um grande paradigma. Não só para a vida cotidiana, mas também um paradigma impulsionador das diversas disciplinas que regem a ciência. No campo das ciências sociais podemos constatar a presença do *futuro*, ou melhor, da compreensão de como esse *tempo* nos chegará e de como nós chegaremos a ele, como um dos pilares de todo o esforço sociológico, antropológico e da ciência política. Não sendo exagero dizer que, em alguns momentos de sua trajetória, a grande expectativa das ciências sociais estaria ligada a projeções e diagnósticos sobre o *futuro*.

---

<sup>1</sup> Doutoranda vinculada ao Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande. E-mail: cybelesoares@gmail.com.

De maneira mais cautelosa, tanto Adam (2004; 2005) quanto Schulz (2013; 2014; 2015) apontam para o fato de que os autores clássicos da sociologia teriam colocado em seus escritos uma preocupação voltada ao futuro e à participação na criação de uma *nova ordem*, que envolveria não só identificar, mas também, moldar a história em construção. Estando interessados não apenas em entender o futuro, mas em ajudá-lo a desempenhar seu papel na criação da *boa vida* para as pessoas (ADAM, 2004).

Afirmações que com facilidade se confirmam, tendo em vista que o período em que a sociologia se consolida enquanto ciência, final do século XVIII e meados do século XIX, é o mesmo período em que o futuro deixa de existir enquanto uma escolha do *divino* para existir enquanto uma escolha *própria*. A partir deste momento, a relação com o futuro passa de uma experiência de mera continuação do passado para uma experiência cada vez mais ligada às ações presentes. O futuro passa a ganhar destaque não só em linhas de abstração e filosofia, passando a exercer igual fascínio das ciências e tecnologias, sobretudo, no que diz respeito ao desenvolvimento de facilidades para a vida cotidiana, o que, como veremos adiante, também traz outros níveis de questionamento para a sociologia.

Conforme afirma Schulz (2014), resguardadas as diferenças em relação às hipóteses e aparatos teóricos, cada um dos autores clássicos, que estabeleceu um envolvimento com a temática dos *futuros sociais*, abriu diferentes e relevantes caminhos acerca da contemporaneidade. Destacando, em um primeiro momento, a contribuição dos pensadores franceses e sua abordagem baseada num senso de dever moral como um norteador para as próximas gerações; os esforços de Marx, que identificou as raízes dos males sociais de seu tempo, produzindo uma visão utópica que inspirou gerações; e, por conseguinte, Weber, que apesar de empreender um modo rigoroso de investigação social, identificou que todas as nossas ações podem ser consideradas como voltadas para o futuro, uma vez que essa orientação para o futuro *guiaria* a ação no presente (SCHULZ, 2014).

Como explica Adam (2004), diferentemente da literatura contemporânea, os autores clássicos não viam contradições entre seus compromissos com a ciência e o seu envolvimento na produção ativa de *futuros proféticos* (ADAM, 2004). Desta forma, cada qual, à sua maneira, sugeriu diagnósticos específicos para seu tempo, bem como, uma disposição *audaciosa* para o engajamento em questões normativas sobre *futuros preferíveis* (ADAM, 2004).

Assim, é interessante pensar que embora as reflexões sobre o futuro tenham sido imprescindíveis para os pensadores clássicos, na sociologia contemporânea a observação do

futuro envereda por caminhos diferentes, muitas vezes não-lineares, podendo, em alguns casos, ser negligenciado. No entanto, interessa-nos aqui observar a pertinência de se discutir o futuro *acontecendo* e a compreensão, adotada por algumas vertentes das Ciências Sociais, de que a *construção social de futuros* é também uma maneira de pôr em *colapso* as suposições deterministas, abrindo novas possibilidades para o ressurgimento de uma sociologia crítica e voltada para o futuro (SCHULZ, 2014).

Neste sentido, dedicaremos as próximas páginas à tentativa de compreender as linhas de abordagem do futuro dentro das ciências sociais contemporâneas, principalmente, dentro da abordagem reconhecida como *sociologia do futuro*, passando, brevemente, pelo seu período inicial, na década de 1960, até as mais recentes atualizações. Para que então, possamos, através dos resultados apurados durante o levantamento realizado em revistas e periódicos de maior destaque para as ciências sociais do país, içar hipóteses acerca da expansão desta discussão nos espaços acadêmicos do Brasil.

Ainda fazendo referência ao futuro, se faz indispensável uma breve visita às *sociologias da ausência e emergências* levantadas por Sousa Santos (2004). Vez que, considerando a influência das pesquisas do cientista português nas publicações brasileiras encontradas, é possível observar não só uma maior familiaridade dos estudos do autor com a realidade local, mas também encontrar indícios do que pode estar sendo construído a respeito de uma *sociologia do futuro* no Brasil.

Tendo em vista as discrepâncias contextuais que se fazem presentes nas trajetórias de pesquisa e de como se dá o processo de legitimação da teoria social em diferentes países, tentaremos, com este artigo, compreender como se dá essa experiência de uma sociologia do futuro à brasileira. Levando em consideração as singularidades locais, buscaremos observar como esta ideia é recepcionada, como tem sido ministrada, ou ainda, como se pode avaliar o desenvolvimento de uma sociologia do futuro no país.

### **1. Afinal, de qual futuro falamos?**

Quando falamos de futuro na sociologia buscamos pensar não só numa projeção para a vida individual, ou para vidas coletivas determinadas, buscamos, sobretudo, refletir acerca das *implicações sociais* que este tempo apresenta como possíveis. Cabendo à pesquisa sociológica a tarefa de investigar quais tendências podem ser possíveis/prováveis de se constituírem enquanto futuros, identificar os futuros desejáveis, bem como advertir sobre perigos iminentes.

Além disso, a ideia de uma *Sociologia do Futuro* trata de questionar a viabilidade da disciplina, de pensar no que será das ciências sociais daqui alguns anos. Como indicam Adam (2004; 2005) e Schulz (2014), trata de apontar para a necessidade de novas perspectivas conceituais e ferramentas metodológicas para pesquisas sobre futuros possíveis, prováveis, evitáveis e preferíveis, sendo uma forma da sociologia reconhecer seu lugar na moldagem do futuro, movendo sua preocupação “do futuro da sociologia para a sociologia do futuro” (SCHULZ, 2014, p.08).

Embora possa parecer uma perspectiva recente, observamos que a preocupação das ciências sociais com o futuro atravessa diferentes momentos, passando pelo acalorado debate dos clássicos, ao *esquecimento* no período entre guerras (1919 a 1939), até chegar à produção realizada nos Estados Unidos e na Europa ao longo dos anos 1960. Momento que será aqui considerado como decisivo para a compreensão da Sociologia do Futuro tal qual a concebemos atualmente. Visto que, se, por um lado, a sociedade estaria convivendo com um *futuro tecnológico* cada vez mais promissor, por outro, a negligência com o *futuro social*, vivida nas décadas subsequentes teria criado um abismo de conhecimento sobre a condição social contemporânea. Ou seja, uma imprecisão quanto ao futuro das pessoas diante de tantos recursos tecnológicos, além de uma “incapacidade sociopolítica e/ou a falta de vontade para tomar a responsabilidade pelo futuro da nossa criação” (ADAM, 2004, p.02).

Podemos dizer que, a *Sociologia do Futuro* que começa a ser gestada neste período, e que tem como representante o livro *homônimo* de Wendell Bell e James Mau (1971), está baseada no empenho dos autores em realizar uma separação definitiva entre a *futurologia* e o esforço de previsão real feito pelas ciências sociais. Ao tratar de *futuros engajados* na produção de uma perspectiva teórica que pudesse afastar a disciplina da *irrelevância*, ou do papel de operadora dos interesses de seus *patrocinadores*, propõem para a sociologia duas funções: 1) a de explicar o presente e seu peso no futuro e; 2) ajudar na produção de futuros mais justos.

Para Bell (1971), uma sociologia do futuro, concebida nestes termos,

[...] representa tanto um esquema de organização e análise das realidades sociais que nos confrontam quanto uma forma de orientar e dirigir nossos esforços enquanto sociólogos. Podendo o estudo das possibilidades para o futuro oferecer uma saída para os presentes enfrentamentos morais, de maneira a permitir um feliz casamento entre os velhos valores sagrados da ciência e os mais velhos, e, talvez, mais sagrados valores de

responsabilidade social. (BELL; MAU, 1971, p. 328 apud ADAM, 2004, p. 8)<sup>2</sup>.

Desenvolvida como uma resposta à ciência social funcionalista predominante em seu tempo, os autores buscaram fazer da sociologia do futuro uma experiência de negação de qualquer tipo de determinismo ou fatalismo. Não havendo fins definidos, o risco do fracasso é minimizado, assim os autores compreendem que, sendo a história humana marcada pelo aumento do domínio do homem sobre a natureza, “o futuro possível é aquele que é representado, planejado, projetado, perseguido e realizado no presente” (ADAM, 2004, p.07).

Desta forma, a sociologia do futuro seria pensada e orientada para um mundo social em constante mudança e sujeito à intervenção do homem. Sendo um mecanismo dinâmico, criativo, crítico, espontâneo, ao mesmo tempo em que traria uma *carga de responsabilidade* tanto para os cidadãos quanto para os sociólogos. Cabendo aos segundos, enquanto representantes de uma ciência humanística e cientificamente orientada, o compromisso e a responsabilidade para com as explicações e as questões morais envolvidas no processo de transformação (BELL; MAU, 1971 apud ADAM, 2004).

Atualmente, podemos dizer que os desafios para a sociologia do futuro só aumentaram. Afinal de contas, como afirma Adam (2004), temos lidado com outras formas de *futuros*: abertos, latentes e ainda não *materializados*. Futuros *sócio-tecnicamente* criados, que englobam ações e processos em andamento – químicos, nucleares, biológicos, genéticos, etc. – e com resultados distantes, *sintomáticos*, que, quase sempre, não apresentam conexões causais que possam ser estabelecidas com certeza (radiação, chuva ácida, aquecimento global, distúrbios hormonais). Em outras palavras, futuros cuja *imaterialidade* não podemos contornar, e impossíveis de compreender através dos mecanismos pensados nos anos 60 (ADAM, 2004).

Pensando nisto, Adam (2004) dirá que a sociologia contemporânea está erguida em três pressupostos: imaterialidade, *causalidade* e o *presente-orientação*, sendo estes os influenciadores das maneiras pelas quais a disciplina se relaciona com o futuro. Para a autora, os estudos alicerçados nestas dimensões procuram descobrir fatos e potencialidades em um *presente empiricamente acessível*, e não em futuros *imaginados*, como pretendiam Bell e Mau (1971).

Já no que se refere ao papel do sociólogo dentro desta perspectiva contemporânea da Sociologia do Futuro, é interessante observar que o esforço de coloca-lo como agente de

---

<sup>2</sup> Tradução livre da autora do artigo.

transformação se perpetua. Aliás, como salienta Adam (2004), na busca por uma função ativa, os sociólogos do futuro procuram combinar os *métodos da ciência* com a *ética humanista*, sendo fundamental a reflexão da sociologia enquanto uma “empresa moral”.

Para Adam (2004), o campo da ética no fazer sociológico precisa ser expandido, incidindo, inclusive, sobre os impactos das tecnologias contemporâneas na natureza, de modo a transcender a influência humana no tempo e no espaço, abrangendo a natureza e o universo. Para a autora, uma vez que no futuro nossas ações são *estendidas* por meio de influência e impacto, é necessário reconhecer a ética como uma obrigação para com a posteridade de um futuro tecnologicamente produzido em longo prazo. Desta forma, a compreensão sociológica do futuro deve nos levar para além do propósito humano, deve ter por intenção guiar a ação do presente para um futuro im/material, para um futuro em andamento, no qual o aumento no domínio (científico) é acompanhado por uma diminuição no controle sobre os resultados (ADAM, 2004).

O que Adam (2004) pretende demonstrar é que a busca por uma pesquisa 'objetiva' e 'imparcial' sobre o futuro é um equívoco. Sendo necessário entender que a nossa orientação materialista é inadequada, principalmente quando se pensa em um mundo globalmente conectado e interdependente de espaço-tempo, distanciando impactos que, inevitavelmente, transcendem as intenções dos seus criadores.

Neste mesmo sentido, Schulz (2014) apontará para o fato de que o mundo cosmopolita e em rede, fruto de um processo irreversível de globalização, não nos deixa dúvidas de que futuros estão sendo criados continuamente, produzidos incessantemente através da amplitude das instituições sociais, do nível individual para o coletivo, do local para o global. Desencadeando não só o desenvolvimento de novos espaços transnacionais, a ruptura das barreiras de tempo/espaço, como também o aumento das desigualdades, novas formas de controle, vigilância e guerra (SCHULZ, 2014).

Desta forma, a preocupação que se coloca é a incompatibilidade entre o futuro apontado pelas tecnologias, e sua capacidade ilimitada de produzir futuros tecnológicos, e a falta de conhecimentos, de mecanismos que trabalhem os possíveis resultados e impactos destas criações. O que a Sociologia do Futuro reivindica é uma visão sociopolítica, uma tomada de posição, a assunção da responsabilidade pelos impactos destes futuros hoje produzidos (SCHULZ, 2014).

Assim, ao pontuar a atuação desta perspectiva sociológica nas últimas décadas, tanto Adam (2004; 2005), quanto Schulz (2014) dirão que o interesse no futuro ganhou diversas

frentes dentro da sociologia, tornando-se ferramenta pertinente aos compromissos sociopolíticos, bem como reconhecem que as abordagens contemporâneas têm estado cada vez mais preocupadas em comentar, observar, apoiar e criticar práticas *emergentes* e sócio-técnicas de projetar futuros.

Deste modo, quando falamos em futuro, falamos também de uma revisão abrangente e de uma mudança na compreensão sociológica. Falamos de repensar metodologicamente a sociologia enquanto disciplina, tirando o sociólogo da função de observador e o situando no papel de agente de mudanças. Compreendendo, tais quais os autores em destaque, que o esforço de pensar em uma Sociologia do Futuro consiste em adicionar à disciplina uma perspectiva de expansão temporal do mundo contemporâneo, e de envolvê-la no processo de construção de futuros sociais (SHULZ, 2014).

## **2. Como tem sido pensada uma sociologia do futuro no Brasil?**

Mais do que observar o esforço dispendido para se produzir uma nova metodologia para a sociologia ou de buscar encontrar indícios de como tem se desenvolvido uma Sociologia do Futuro no Brasil, é necessário levar em consideração o percurso do desenvolvimento das ciências sociais no país. Embora pareça dissonante, ou até um caminho prolixo a ser seguido, é importante regredir algumas casas para compreender como a ideia de *futuro* tem sido debatida dentro da sociologia brasileira.

Como vimos anteriormente, a preocupação com o futuro não é novidade no âmbito das ciências sociais, principalmente quando esta perspectiva de futuro vem alicerçada em contextos sociais de grandes transformações e crises. Não por acaso, a sociologia chega ao Brasil em um contexto de grande efervescência, científica, tecnológica, política. Dentre os registros encontrados sobre a implementação da disciplina, é possível encontrar apanhados interessantes referentes aos primeiros estudos, aos primeiros profissionais e pensadores da disciplina, bem como as dificuldades enfrentadas pelos pioneiros na construção de uma teoria social brasileira.

Embora estes registros apareçam sem atualizações recentes, são de grande valia para compreender o percurso das ciências sociais no país, como, por exemplo, os escritos de Antônio Cândido (1959), Costa Pinto (1955) e Florestan Fernandes (1977) que apontam para a tomada de posição da sociologia já nos anos 1930. Aquela altura, apesar de ainda tatear uma posição nos quadros da ciência no país, a disciplina já indicava o trabalho engajado ao qual

pretendia, visto as lutas clandestinas travadas pelas ciências sociais contra o Estado Novo que se mobilizavam naquele período (VELHO, 2005).

É interessante apontar que o desenvolvimento das ciências sociais no país ocorreu paralela e simultaneamente ao desenvolvimento das crises sociais, tendo diante de si tanto uma agitação renovadora, quanto problemas para manter a coerência de suas premissas. Não estando, portanto, associada única e exclusivamente à crítica ou engajada a projetos nacionais, ainda que estes elementos sejam observáveis em vários momentos de sua trajetória.

Outro ponto a se colocar é a dificuldade enfrentada no que diz respeito ao tempo, ou melhor, à luta pela sincronização do tempo da ciência local com o tempo-mundo e seus avanços sem precedentes. Isso porque, se nos anos 1960, os Estados Unidos e o Reino Unido se preocupavam em estabelecer um debate acerca do papel das ciências sociais no futuro, construindo uma perspectiva para manter a relevância da disciplina diante dos futuros anunciados pelas tecnologias, a teoria social no Brasil ainda buscava sua legitimidade. Enquanto em outros países a sociologia já preconizava maneiras de conceber uma metodologia competente de encarar o futuro, a dificuldade da sociologia brasileira – ainda que seus quadros já estivessem institucionalizados – era a de instituir sua utilidade naquele presente (VELHO, 2005).

Obviamente, essa preocupação com um presente traria a possibilidade real do desenvolvimento da disciplina no futuro. Ou seja, daria a ciências sociais o aporte de se estabelecer tal qual a concebemos hoje. Porém, não sem contabilizar os bônus e ônus dessa discussão tardia sobre os rumos da disciplina. Se hoje a sociologia brasileira encontrou seu espaço – ainda que as disputas científicas e teóricas se perpetuem (sadiamente) – e que admitamos a melhora nas condições de produção e recepção de novas proposituras, é possível pensar que muitas das temáticas ponderadas e debatidas no Brasil se constroem de maneira singular e, ao mesmo tempo, paralela ao que se debate lá fora.

Com isso, gostaríamos de apontar que, embora não haja menção a uma *Sociologia do Futuro*, ou dificilmente sejam encontradas, no levantamento realizado, referências à discussão dos autores norte-americanos, muito do que tem sido produzido nas ciências sociais brasileiras carrega a semente de um futuro frutífero, tanto para a *ciência*, quanto para a sociedade em geral.

De certa forma, podemos dizer que o esforço da sociologia realizada no Brasil de hoje parece *não* apontar para esboços teóricos que visam preencher lacunas metodológicas, mas para outros aspectos igualmente relevantes, tendo em vista que, quando buscamos por



“sociologia do futuro”, “sociologia das emergências”, ou mesmo pela palavra “futuro”, são pesquisas associadas à democracia, movimentos sociais, políticos e ambientais que nos são apontadas.

Assim, buscando nos valer das revistas científicas de maior relevância no cenário nacional na área das Ciências Sociais (Qualis A1; A2, B1), organizamos uma planilha que busca ilustrar a frequência com que a Sociologia do Futuro foi abordada entre os anos de 2004 e 2017. Seguramente, outras fontes também poderiam ajudar nesse mapeamento, como, por exemplo, a busca pelo que vem sendo produzido e debatido nos grupos de pesquisa pelas universidades brasileiras, contudo, ainda que tenha havido o esforço de localizar esses grupos, muito pouco foi encontrado, havendo mais relevância em observar detalhadamente o conteúdo das Revistas e Periódicos selecionados como um recorte pertinente da produção sociológica atual no Brasil.

Com ajuda do próprio mecanismo de busca dos sites – em geral, padronizados pela plataforma *Scielo* – foi possível verificar a existência de pouquíssimas publicações que atendessem diretamente a temática buscada. De tal maneira, as palavras-chaves variaram entre: “sociologia do futuro”; “futuro”; “sociologia das emergências”, “sociologia das ausências”, além dos nomes dos autores referentes ao tema.

Cada artigo encontrado que possivelmente estivesse interligado a estas palavras foi verificado mais atentamente, no intuito de analisar se a abordagem estaria realmente condizente à busca. Na maioria das vezes, embora o artigo se relacionasse ao futuro, nem sempre se utilizava do mote no sentido pretendido. Por essa razão, dividimos a busca em duas categorias: os que realmente abordavam a perspectiva de uma sociologia do futuro e aqueles que se moviam em direção parecida, ainda que não estivessem ligados às mesmas preocupações.

No quadro abaixo, os números indicados correspondem *apenas* aos artigos que trabalham o conceito de Sociologia do Futuro, ou das ausências e emergências, e fazem referência direta ou indireta aos autores norte-americanos e/ou a Boaventura de Sousa Santos.

Embora as publicações secundárias apareçam em maior número, não estão indicadas numericamente no quadro. Contudo, mostram-se bastante significativas, vez que, em sua maioria, estão preocupadas em ampliar o debate de uma *teoria social produzida no Brasil*, ou engajados à proposta de dar visibilidade a ações coletivas contemporâneas, o que, a nosso ver, também podem ser entendidas como reflexões pertinentes sobre o futuro.

<b>REVISTA</b>	<b>Edições</b>	<b>Artigos *</b>
<b>Tempo Social</b> – Revista de Sociologia da USP ISSN: 1809-4554/ A1 (Qualis**)	2004 a 2017	2
<b>Sociologias</b> – UFRGS ISSN: 1517-4522 / A1	2004/2017	4
<b>Caderno CRH</b> – UFBA ISSN: 1983-8239/ A1	2004/2017	2
<b>Civitas</b> - Revista de Ciências Sociais - PUCRS ISSN: 1984-7289 / A1	2004/2017	4
<b>Dados</b> – UERJ ISSN: 1678-4588 / A1	2004/2017	0
<b>Sociedade e Estado</b> – UnB ISSN 1980-5462/ B1	2004/2017	1
<b>Lua Nova</b> – Revista de Cultura e Política – CEDEC ISSN: 1807-0175 / A1	2004/2017	0
<b>RBCS</b> – Revista Brasileira de Ciências Sociais – ANPOCS ISSN: 1806-9053/ A1	2004/2017	1
<b>Cadernos Metrópole</b> – PUCSP ISSN: 2236-9996 / A1	2004/2017	0
<b>Ciências Sociais</b> - Unisinos ISSN: 2177-6229 / A2	2004/2017	2
<b>Novos Estudos</b> – CEBRAP ISSN: 1980-5403/ A2	2004/2017	0
<b>Revista Brasileira de Sociologia</b> – Revista da SBS ISSN: 0103-2402 / A2	2004/2017	2
<b>Revista de Sociologia e Política</b> – UFPR ISSN: 1678-9873/ B1	2004/2017	0
<b>Revista Sociologia e Antropologia</b> – UFRJ ISSN: 2238-3875 / A1	2004/2017	2
<b>Estudos de Sociologia</b> – Unesp ISSN: 1982-4718 / B1	2004/2017	1
<b>Política e Sociedade</b> – Revista de Sociologia Política – UFSC ISSN: 2175-7984 / B1	2004/2017	0
<b>Raízes</b> – Revista de Ciências Sociais e Econômicas – UFCG ISSN: 2358-8705 / B1	2004/2017	0
<b>Revista Política e Trabalho</b> – UFPB INNS: 1517-5901/ B1	2004/2017	0
<b>Estudos de Sociologia</b> – UFPE INNS: 2317-5427/ B1	2004/2017	3

\*Artigos: Publicações que trabalham com o conceito de Sociologia do Futuro (ADAM; SCHULZ; BELL), ou da Sociologia das Ausências e Emergências (SOUSA SANTOS).

\*\*Qualis referente à Classificação de periódicos quadriênio 2013 à 2016 da CAPES.

Olhando rapidamente, os dados apurados podem até sugerir a escassez de pesquisas na área da sociologia do futuro. Porém, se pensados de uma maneira mais ampla, sugerem justamente o contrário. Sugerem que estamos cada vez mais perto desta abordagem, visto que, mesmo nas diferenças, encontramos muitas semelhanças com o que preconizam os autores acima citados. Afinal, as publicações secundárias carregam nas entrelinhas as categorias que engendram das aspirações metodológicas de um “processo de tradução, capaz de criar uma inteligibilidade mútua entre experiências possíveis e disponíveis” (ADAM, 2004, p. 272), e ainda, as noções postuladas por Sousa Santos, ao compreenderem que, sendo o Brasil um país em estado constante de “emergência”, nos cabe, enquanto cientistas sociais, pensar e fabricar futuros palpáveis.

Neste sentido, cremos ser possível fundamentar a hipótese de que, embora a literatura brasileira referente a uma sociologia do futuro ainda pareça distante daquilo que vem sendo produzido pelos autores centrais nesta discussão, muito tem sido realizado, registrado e produzido no que diz respeito a dinâmicas sociais que podem dar certo num futuro próximo. Ousando dizer, inclusive, que estamos vivenciando um momento de construção de uma *sociologia do futuro à la* Brasil. Ou melhor, um momento de reflexão sobre o futuro, que caminha lado a lado com as perspectivas endossadas pela literatura dos movimentos sociais, do ativismo, da democracia, das novas tecnologias, ou ainda, relacionadas aos *futuros utópicos* propostos por Sousa Santos (2004).

Como um país de muitas crises, o Brasil é também um país de muitos momentos de reflexão e produção. Apesar de ainda haver um grande caminho a ser percorrido até que uma sociologia do futuro seja, de fato, consolidada, não podemos deixar de observar o engajamento daqueles que se dedicam a denunciar *ausências*, daqueles que praticam *sociologias no agora* pensando em construir futuros.

### **3. Ausências, Emergências e a Epistemologia do Sul**

Dentre as referências utilizadas pelos artigos acima elencados, o sociólogo português Boaventura de Sousa Santos é o que apresenta maior influência. Em grande medida pela particularidade da língua, mas principalmente por seu engajamento político e militante, suas observações pertinentes sobre as emergências e ausências no Brasil (2002) e do legado deixado pela sua experiência no Fórum Social Mundial de Porto Alegre (2004).

Inclusive, Sousa Santos, dentre os autores abordados, é aquele que possui maiores afinidades com o contexto brasileiro, tendo estado recentemente à frente de um ciclo de debates sediado na UFRG, que resultou na edição de número 43 da revista *Sociologias* (v. 18, n. 43 2016) intitulada “Epistemologias do Sul: lutas, saberes, ideias de futuro”, que indica diversas percepções sociais para o futuro.

Através da Sociologia das Ausências e Emergências, o autor busca realizar uma crítica à concepção hegemônica na produção de saberes (cultura científica e cultura humanística), compreendendo o “não-existente” como algo *ativamente* produzido, e concebendo as invisibilidades sociais como determinadas por uma lógica cultural epistemologicamente dominante, a qual nomeia de *monocultura racional*.

Para o autor, a lógica de produção da não-existência segue cinco passos de ocultamento do que não é reconhecido ou legitimado por estes espaços dominantes de produção: 1) o reconhecimento da ciência e da alta cultura como espaços absolutos de produção de conhecimento e noções estéticas; 2) o tempo linear; 3) a naturalização das diferenças e classificações; 4) universalização e globalização e, por fim, 5) os critérios de produtividades eficientes ao regime capitalista.

Cada uma dessas lógicas resultaria no desprezo e no ocultamento das formas de experiência social não-hegemônicas, gerando tratamentos como “o ignorante, o residual, o inferior, o local e o improdutivo” (SOUSA SANTOS, 2004, p.23), fazendo destes sujeitos e realidades algo incapaz de elevar-se a uma forma alternativa de experiência em relação à racionalidade dominante.

Para Sousa Santos, a solução seria a substituição da *monocultura dos saberes* pela *ecologia dos saberes*, numa tentativa de articular o diverso e o plural mediante interações sustentáveis entre aspectos heterogêneos. Deste modo, sugere que a sociologia das *ausências* deve se preocupar em desvelar estes ocultamentos, enquanto a sociologia das *emergências* deve investigar e ampliar as alternativas concretas de *futuro* fornecidas pelos saberes invisibilizados pela “racionalidade conservadora” (SOUSA SANTOS, 2004, p. 113).

Resumidamente, o que o autor propõe é compreender como a racionalidade hegemônica repercute no tempo presente e se projeta para o futuro. Sugerindo que, através das contribuições de uma sociologia das emergências, este futuro pode ser “um futuro de possibilidades plurais e concretas, simultaneamente utópicas e realistas, que vão se construindo no presente através das atividades de cuidado” (SANTOS, 2004, p. 116).

Reconhecendo que o futuro é um tempo que requer cuidados – haja vista que o *emergente* se exprime como algo que não está completamente determinado e por isso mesmo pode ser compreendido como uma possibilidade incerta –, é que Sousa Santos atribui à sociologia das ausências a perspectiva de ampliação do presente (reconhece as experiências desperdiçadas) e contração do futuro (limita as expectativas, por força de investigar as alternativas que cabem no horizonte das possibilidades concretas). Para o autor, fixando a direção e os limites do futuro pela ótica da sociologia das ausências, se pode observar as experiências sociais excluídas pelas monoculturas, realizando uma contribuição crítica e contra-hegemônica para o presente.

Deste modo, ao explicitar a relação entre o poder e o saber e ao sugerir o abandono dos determinismos, o português enfatiza a necessidade de se estabelecer novos modelos epistemológicos, ou, melhor, de reconhecer outras formas de produção de conhecimento. Ao denunciar a *colonização* científica e cultural, o autor revela *o Sul global* como um conjunto de epistemologias, extremamente dinâmicas, capazes de construir, na teoria e na práxis, uma alternativa à hegemonia conservadora e apontar um caminho de emancipação social, o que, em muito, justifica a familiaridade da produção brasileira com as teses de Sousa Santos.

### **Considerações Finais**

Diante das perspectivas levantadas, compreendemos que a *Sociologia do Futuro* é um exercício de não só imaginar, mas de tornar empiricamente acessível as possibilidades de futuro. Neste sentido, embora haja diferenças nas teses defendidas por Sousa Santos, Adam e Schulz, é possível encontrar uma preocupação em comum que perpassa e alinha todas as questões postas: a preocupação em fazer da sociologia um instrumento epistemológico crítico, que inspira inovações acadêmicas e que puxa para o seu núcleo o senso da problematização e a capacidade intelectual de levantar questões tanto para o social quanto para o sociólogo.

Conforme afirma Schulz (2014), um mundo que oferece riscos e oportunidades sem precedentes, exige também novas formas de pensar. Se o futuro está dentro da compreensão humana, a sociologia deve reconhecer seu lugar nesta moldagem, e não negligencia-lo. Para o autor, tal qual para Sousa Santos (2004), o que existe é uma necessidade de *democratizar futuros*, de compreender que as energias utópicas não foram esgotadas e que essa democratização implica o diálogo sobre visões alternativas, análises mais profundas e metodologicamente mais abertas dos problemas.

Embora, como foi possível verificar ao longo da investigação realizada, a perspectiva de uma *Sociologia do Futuro*, enquanto uma solução metodológica, ainda não tenha ganhado contornos significativos nas pesquisas brasileiras, é inegável que as ciências sociais em voga no Brasil de hoje buscam, em sua maioria, estabelecer uma produção crítica da realidade social, buscando se desvencilhar da reprodução e manutenção dos padrões hegemônicos da ciência.

Deste modo, se, por um lado, não é possível dizer ao certo como a Sociologia do Futuro é recepcionada no Brasil, por quais instituições é recebida, e como se difunde entre estudantes, professores e pesquisadores, por outro, há evidências – pelo menos nas fontes disponíveis encontradas – de que a sociologia brasileira tem se voltado para um exercício de reflexão sobre a própria ciência, trabalhando uma epistemologia que caminha mais ou menos em direção as teorias que vem sendo moldadas pelos autores acima referenciados.

Considerando que o país tem ainda um longo caminho pela frente, e que as crises que hoje enfrentamos indicam, cada vez mais, a necessidade de observar a urgência de se pensar em possibilidades futuras concretas, é que se faz interessante não concluirmos este breve ensaio afirmando a deficiência de uma produção voltada ao futuro. Na verdade, beirando a presunção, arriscaríamos dizer que nossa sociologia do futuro está sendo exercida, timidamente, é verdade, mas com os olhos certos para as experimentações presentes e a possibilidade de aplicação no futuro.

## Referências

ADAM, B. **Towards a New Sociology of the Future**. 2004. Disponível em: <http://www.cardiff.ac.uk/socsi/futures/newsociologyofthefuture.pdf>. Acesso: 14/07/2017.

ADAM, B. **Futures in the Making: Contemporary Practices and Sociological Challenges**. ASA. Philadelphia, 2005. Disponível em: [http://www.cardiff.ac.uk/socsi/futures/conf\\_ba\\_asa230905.pdf](http://www.cardiff.ac.uk/socsi/futures/conf_ba_asa230905.pdf). Acesso: 14/07/2017.

COSTA PINTO, L. A. **Os estudos sociais e a mudança social no Brasil**. Sociologia&Antropologia. V.02/ n. 279. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2238-38752012000300279&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2238-38752012000300279&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso: 14/07/2017.

SCHULZ, M. S. **Democratizing Futures: Searching for Equality and Participation**. Isa, V. 2, 2013. Disponível em: <http://isa-global-dialogue.net/category/volume-2/v2-i4/>. Acesso: 14/07/2017.

SCHULZ, M. S. **Debatendo Futuros: tendências globais, visões alternativas e discurso público**. Sociologia&Antropologia, V.04, n.95, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sant/v4n1/2238-3875-sant-04-01-0071.pdf>. Acesso: 14/07/2017.

SCHULZ, M. S. **The futures we want**. ISA, v.5, 2015. Disponível em: <http://isa-global-dialogue.net/the-futures-we-want/>. Acesso: 14/07/2017.

SOUSA SANTOS, B. **As Epistemologias do Sul num mundo fora do mapa**. Sociologias, n. 43, set/dez 2016. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/sociologias/article/view/68312>. Acesso: 14/07/2017.

SOUSA SANTOS, B. **O Fórum Mundial Social**: Manual de Uso. Madison, 2004. Disponível em: <http://www.ces.uc.pt/bss/documentos/fsm.pdf>. Acesso: 14/07/2017.

SOUSA SANTOS, B. **Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências**. Revista Crítica das Ciências Sociais, n.63, 2002. Disponível em: <https://rccs.revues.org/1285>. Acesso: 14/07/2017.

VELHO, G. **O futuro das ciências sociais e a importância de seu passado**. Sociologia, Problemas e Práticas, n.º 48, 2005. Disponível em: [http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S0873-65292005000200002](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0873-65292005000200002). Acesso: 14/07/2017.